

VOLUME 19, NÚMERO 1, JANEIRO 2019

ISSN 1519-1982

BIOLOGIA GERAL E EXPERIMENTAL

VERTEBRADOS TERRESTRES DE RORAIMA

VI. MAMÍFEROS NÃO VOADORES

BOA VISTA, RR

BIOLOGIA GERAL E EXPERIMENTAL

EDITORES

Celso Morato de Carvalho – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, Am - Necar, UFRR, Boa Vista, Rr

Jeanne Carvalho Vilar – Aracaju, Se

EDITORES ASSOCIADOS

Adriano Vicente dos Santos – Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste, Recife, Pe

Edson Fontes de Oliveira – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, Pr

Everton Amâncio dos Santos – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasília, D.F.

Francisco Filho de Oliveira – Secretaria Municipal da Educação, Nossa Senhora de Lourdes, Se

Biologia Geral e Experimental é indexada nas Bases de Dados: Latindex, Biosis Previews, Biological Abstracts e Zoological Record.

Edição eletrônica: ISSN 1980-9689.
www.biologiageralexperimental.bio.br

Endereço: *Biologia Geral e Experimental*, Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe, Universidade Federal de Roraima, Campus do Paricarana, Boa Vista, Av. Ene Garcez, 2413.

E-mail: cmorato@inpa.gov.br ou jeanecarvalhovilar@hotmail.com

Aceita-se permuta.

BIOLOGIA GERAL E EXPERIMENTAL

Série Vertebrados Terrestres de Roraima.

Coordenação e revisão: CMorato e SPNascimento.

Vol. 17 núm. 1, 2017 I. Contexto Geográfico e Ecológico, Habitats Regionais, Localidades e Listas de Espécies.

Vol. 17 núm. 2, 2017 II. Anfíbios.

Vol. 18 núm. 1, 2018 III. Anfisbênios e Lagartos.

Vol. 18 núm. 2, 2018 IV. Serpentes.

Vol. 18 núm. 3, 2018 V. Quelônios e Jacarés.

Vol. 19 núm. 1, 2019 VI. Mamíferos não voadores.

Vol. 19 núm. 2, 2019 VII. Aves.

Apresentação da série está no Vol. 19 - Public. Avulsa, 2019 - atualização do Vol. 17. Núm. 1, 2017.

Colaboram no vol. 19 núm. 1

VI. Mamíferos Não Voadores

CELMO MORATO DE CARVALHO, Universidade Federal de Roraima, Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe, Boa Vista, cmorato@inpa.gov.br.

SEBASTIÃO PEREIRA DO NASCIMENTO, Travessa Tiradentes 85, São Francisco, Boa Vista, Rr, 69305-060, sepenasimento@gmail.com.

WHALDENER ENDO, Universidade Federal de Roraima, Centro de Estudos da Biodiversidade, Boa Vista, whaldener.endo@ufr.br

SUMÁRIO

Biol. Geral Exp., Boa Vista, Roraima, vol. 19 núm. 1

12.i.2019

VERTEBRADOS TERRESTRES DE RORAIMA
VI. MAMÍFEROS NÃO VOADORES

SUMÁRIO

Mamíferos Não Voadores (*caracterização regional das espécies e distribuição geográfica*) (pp. 7-23)

Localidades e Lista de Espécies (pp. 24-27)

VERTEBRADOS TERRESTRES DE RORAIMA

VI. MAMÍFEROS NÃO VOADORES

C.M. Carvalho, S.P. Nascimento, W. Endo

INTRODUÇÃO

Na região Neotropical, que abrange majoritariamente as Américas Central e do Sul, ocorrem cerca de 1620 espécies de mamíferos silvestres - cerca de 6399 no mundo-, classe Mammalia, arranjados em 15 ordens e 56 famílias, respectivamente 29 e 167 no mundo (Burgin *et al.*, 2018). Na América do Sul 3 ordens têm distribuições relativamente discretas (Tognelli & Kelt, 2004; Ojeda, 2013; Wilson & Reeder, 2005): Paucituberculata, composta por marsupiais, ocorre nas regiões andinas; Microbiotheria, também de marsupiais, ocorre no Chile e Argentina; Soricomorpha, das toupeiras e musaranhos, é cosmopolita, com uma família restrita à América Central e algumas regiões da América do Sul, no Peru e Venezuela.

No Brasil ocorrem 12 ordens de mamíferos (ausentes as três ordens citadas acima), compreendendo 50 famílias com 243 gêneros e aproximadamente 700 espécies silvestres (Paglia *et al.*, 2012) heterogeneamente distribuídas nas grandes formações vegetais que compõem os domínios morfoclimáticos brasileiros de Ab'Saber (2003). A riqueza de espécies é também heterogênea entre os grupos, com destaque para os ratos silvestres das famílias Cricetidae (131 spp.) e Echimyidae (65 spp.) da ordem Rodentia, e dos morcegos (174 spp.), ordem Chiroptera, os quais compõem juntos (ca. 370 spp.) pouco mais da metade da riqueza de espécies de mamíferos brasileiros (Nogueira *et al.*, 2014; Reis *et al.*, 2011; Paglia *et al.*, 2012).

Na Amazônia Brasileira ocorrem 12 ordens e cerca de 400 espécies de mamíferos silvestres, mastofauna de maior riqueza dentre os demais domínios (Paglia *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2005; Rylands *et al.*, 2002). Para um breve olhar sobre proporções da riqueza de espécie entre grandes áreas

geográficas, podemos observar que no Escudo da Guiana, uma região encravada na porção norte da Amazônia (Hoogmoed, 1979), ocorrem cerca de 285 espécies de mamíferos silvestres (Lim *et al.*, 2005); na Costa Rica, região mediana da América Central, ocorrem aproximadamente 249 espécies de mamíferos (Rodríguez-Herrera *et al.*, 2014).

Quanto às proporções da riqueza de espécies entre grupos faunísticos regionais, para a Amazônia Brasileira nós podemos aventar, sem grande rigor, as seguintes estimativas (Percequillo *et al.*, 2015; Paglia *et al.*, 2012): parte dos mamíferos que ocorrem neste domínio é composta por 40 espécies de ratos da família Cricetidae, subfamília Sigmodontinae, e 28 espécies da família Echimyidae, as quais, somadas às 146 espécies de morcegos, ordem Chiroptera, compõem aproximadamente 53% da mastofauna silvestre amazônica. Em Roraima comparecem 11 ordens, 28 famílias e 57 espécies de mamíferos não voadores nas áreas de mata, no lavrado e áreas serranas.

MÉTODOS

As informações de viagens e relatos dos moradores sobre a fauna das suas regiões, foram obtidas principalmente entre 1980 - 1990, através de estudos conjuntos realizados pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, com a participação da seção de Zoologia do Museu Integrado de Roraima. A literatura complementou as observações de campo (e.g. Cordeiro, 1999; Cordeiro & Oliveira, 2005; Havelková *et al.*, 2006; Rylands, 2012; Rylands & Mittermeier, 2009; Eisemberg & Redford, 1999; Silva *et al.*, 2001; Reis *et al.*, 2011; Wilson & Reeder, 2005; Fernandez-Duque *et al.*, 2013; Gardner, 2005a, 2005b; Burgin *et al.*, 2018). Também buscamos informações na literatura referente à biodiversidade brasileira geral (e.g. Brasil, 2001, 2002; Silva *et al.*, 2005; Rylands *et al.*, 2002), listas gerais sobre ordens, famílias e espécies de mamíferos do Brasil (Reis *et al.*, 2006,

2011; Fonseca *et al.*, 1996; Paglia *et al.*, 2012) e comentários gerais sobre distribuição de mamíferos e conservação (Emmons & Feer, 1997; Ojeda, 2013; IUCN, 2016, 2018).

A apresentação está por ordens taxonômicas, dentro destas as famílias e as espécies (Wilson & Reeder, 2005). As distribuições seguem os domínios morfoclimáticos de Ab'Sáber (2003): **amplamente distribuídas**, quando ocorrem em mais de um domínio; **predominantemente amazônicas**, quando ocorrem na Amazônia Brasileira e ecossistemas contíguos, mesmo que em distribuições discretas ou que se estendam mais para norte; **distribuição regional**, para caracterizar as distribuições nos habitats de Roraima (mata, lavrado, áreas de altitude), incluindo comentários sobre conservação. As localidades e listas de espécies estão após as referências (**págs. 24 - 27**). Os exemplares coletados estão depositados no Museu de Zoologia da USP e Museu Integrado de Roraima.

ORDEM DIDELPHIMORPHIA

Os animais desta ordem estão distribuídos nas três Américas – Norte, Central e do Sul. A ordem é constituída por uma família e 4 subfamílias (Rossi & Bianconi, 2011): Caluromyinae (2 gên. 4 spp.), Didelphinae (15 gên., 94 spp.), Glironiinae (1 gên., 1 sp.) e Hyladelphinae (1 gên., 1 sp.).

FAMÍLIA DIDELPHIDAE

São animais geralmente solitários, onívoros, noturnos ou diurnos, hábitos arborícolas ou arbustivos, escansoriais ou terrícolas, cauda longa e preênsil. Os filhotes nascem bem pequenos e migram para as mamas da mãe, onde se desenvolvem; algumas espécies abrigam os jovens no marsúpio (dobra da pele). No Brasil os 16 gêneros e 56 espécies são conhecidos por mucura, gambá, saruê, cuíca ou catita (Rossi & Bianconi, 2011). Em Roraima aparecem pelo menos 4 espécies.

Espécies de ampla distribuição

Dentre as mucuras de Roraima 3 espécies estão

distribuídas em mais de um domínio: *Caluromys philander* na Venezuela e Guianas, Amazônia, cerrado e Mata Atlântica; *Didelphis marsupialis* do México ao cerrado do Brasil Central até a Bolívia. A pequena *Marmosa murina*, vive em áreas florestadas ao norte da América do Sul e tem sua área geográfica até a Mata Atlântica do Espírito Santo e Mato Grosso (Rossi & Bianconi, 2011)

Distribuição em Roraima e conservação

A catita *Monodelphis brevicaudata*, vive no Escudo da Guiana, incluindo as matas de Roraima. É certo que a lista dos Didelphidae de Roraima aumentará se houver coletas direcionadas para inventários de pequenos mamíferos. As mucuras *Caluromys philander* e *Didelphis marsupialis* frequentam a mata e o lavrado; a cuíca *Marmosa murina* vive na mata – informações de moradores. Os didelfídeos da região de Roraima são considerados estáveis ou sem informações (IUCN, 2018), mas um dos maiores problemas à conservação é a destruição de habitats, muito presente em várias áreas fora das unidades de conservação roraimenses.

ORDEM PILOSA

Nesta ordem estão as preguiças e os tamanduás. Sobre os nomes, preguiça advém da lentidão com que se locomovem; tamanduá é dito ser de origem tupi, significando caçador-de-formiga ou ta-monduá (Chiaradia, 2008). O gênero *Tamandua* tem origem em Gray, o qual em 1843 fez a combinação genérica da espécie descrita por Lineu em 1758, *Myrmecophaga tetradactyla* - Hayssen (2011) comenta a sinonímia e dá a etimologia do gênero como tupi, tacy = formiga e monduar = pegar. Os tamanduás são propriamente edentados, mas as preguiças têm dentes molares, de estrutura simples, que se desgastam e crescem continuamente, devido à alimentação foliar destes animais.

A ordem Pilosa (10 spp.) no Brasil é composta por 4 famílias, 5 gêneros e 8 espécies. Em Roraima ocorrem 4 famílias e 5 gêneros, cada qual com uma

espécie. Antes reunidos na ordem Xenarthra, que incluía os tatus, estes animais foram taxonomicamente separados com base em caracteres morfológicos para compor a superordem Xenarthra, situando os tamanduás, mambiras e preguiças representantes da ordem Pilosa e os tatus da ordem Cingulata (Gardner, 2005a, 2005b).

FAMÍLIA BRADYPODIDAE

As preguiças-de-três-dedos, compreendem 3 espécies do gênero *Bradypus*; 2 na Amazônia e uma destas, *Bradypus tridactylus*, está presente em Roraima. São animais predominantemente diurnos, arborícolas, alimentam-se de folhas e partes vegetais tenras; têm o curioso comportamento de descerem ao chão para urinar e defecar (Medri *et al.*, 2011:92).

Espécie de distribuição predominantemente amazônica

Bradypus tridactylus tem distribuição predominante no domínio amazônico, podendo ser também encontrado na Venezuela, nos ecossistemas da bacia do rio Orinoco (IUCN, 2018).

Distribuição em Roraima e conservação

B. tridactylus ocorre em áreas de mata ou na borda da mata, mas não frequenta o lavrado. Os indivíduos podem ser mais avistados na região do baixo rio Branco ou nas áreas de mata a oeste. Do ponto de vista da conservação preguiças não estão em perigo, mas há vários exemplos de extinções locais ocasionadas por perdas de habitats (Chiarello, 1999), sempre devido a intervenções antrópicas.

FAMÍLIA MEGALONYCHIDAE

Esta família, também de preguiças, tem 2 espécies, ambas vivem no Brasil. De ocorrência mais provável para Roraima é *Choloepus cf. didactylus*, a preguiça real. A outra espécie, a preguiça-de-dois-dedos, *Choloepus hoffmanni*, é dita ocorrer da América Central ao Norte da América do Sul, Amazônia e Mato Grosso (Medri *et al.*, 2011).

Distribuição em Roraima e conservação

A preguiça real é relatada por moradores de Roraima como bicho de mata. Sua ocorrência, a ser confirmada, deve estar restrita às áreas florestadas da região do baixo rio Branco ou às matas da porção oeste, em contato com o Amazonas. Com relação à conservação a preguiça real consta como espécie pouco preocupante (IUCN, 2018).

FAMÍLIA CYCLOPEDIDAE

A única espécie da família é *Cyclopes didactylus*, o tamanduá, que ocorre em Roraima e o povo que mora longe das áreas urbanas reconhece. É um tamanduazinho noturno, cerca de 20 cm de comprimento, de hábitos arbóreos, pelo amarelodourado e cauda preênsil. A distribuição deste pequeno tamanduá é do México ao Escudo da Guiana, Amazônia e Mata Atlântica do Ceará; parece que não ocorre no cerrado e na caatinga (Paglia *et al.*, 2011).

Distribuição em Roraima e conservação

Os moradores das áreas florestadas de Roraima se referem a esta espécie, *Cyclopes didactylus*, como tamanduá pequeno; está na categoria pouco preocupante da IUCN (2016, 2018).

FAMÍLIA MYRMECOPHAGIDAE

A família é composta por 2 gêneros e 3 espécies (Wilson & Reeder, 2005); no Brasil vivem 2 destas, o tamanduá-bandeira e o mambira (Paglia *et al.*, 2012). São animais terrícolas, com focinho alongado, dentes ausentes e alimentação exclusivamente composta por formigas e cupins.

Espécies de distribuição ampla

O tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla*, se estende da América Central até o Uruguai, onde parece estar com problemas de sobrevivência (Eisemberg & Redford, 1999). No Brasil a distribuição do bandeira se estende da Amazônia até os campos sulinos, ocorrendo em todos os domínios morfoclimáticos. A outra espécie da

família, o mambira ou tamanduá-de-colete, *Tamandua tetradactyla*, ocorre ao norte da América do Sul até o Uruguai e norte da Argentina, em todos os domínios brasileiros (Medri *et al.*, 2011).

Distribuição em Roraima e conservação

As duas espécies de tamanduás ocorrem em Roraima na mata e no lavrado, onde podem ser avistados durante o dia, sozinhos ou aos pares. Não são caçados e os atropelamentos não são frequentes. Nas listas da IUCN (2016, 2018) *M. tridactyla* consta está na categoria vulnerável e *T. tetradactyla* como pouco preocupante.

ORDEM CINULATA

Esta ordem passou a compor a superordem Xenarthra juntamente com Pilosa, formadas ambas pelo desmembramento de Xenarthra (Gardner, 2005a, 2005b). O grupo inclui os tatus, animais terrícolas que se abrigam em tocas; têm dentes nas maxilas e hábitos de escavarem o solo, alimentando-se de insetos, pequenos vertebrados, restos vegetais e carniça. O corpo e a cabeça dos tatus são recobertos por estruturas dermicas, as quais nas porções dorsais e laterais do corpo formam placas grandes, agregadas à pele e articuladas; as junções chamadas cintas. O número de cintas é um dos caracteres sistemáticos firmes para diagnosticar espécies de tatus. A ordem contém uma família, 3 subfamílias, 21 espécies e várias subespécies, distribuídas do sul dos Estados Unidos até a Argentina (Wilson & Reeder, 2005).

FAMÍLIA DASYPODIDAE

No Brasil os dasipodídeos compõem 5 gêneros e cerca de 11 espécies (Reis *et al.*, 2006, 2011) distribuídas da América Central até a Argentina – uma espécie, *Dasyopus novemcinctus*, tem distribuição mais ampla. Em Roraima encontramos evidências para ao menos 4 espécies de tatus.

Espécies de distribuição ampla

O tatu-galinha *Dasyopus novemcinctus* ocorre

desde os Estados Unidos até o norte da Argentina, no Brasil está em todos os domínios morfoclimáticos; o tatu-canastra *Priodontes maximus* ocorre na Amazônia e no cerrado, possivelmente até o norte da Argentina (Medri *et al.*, 2011).

Comentários: Moradores do lavrado se referem também a dois tatus, peba e bola - nós os incluímos na lista. O tatu-peba *Euphractus sexcinctus* ocorre em todos os domínios brasileiros, no Chaco Paraguai e da Bolívia, Uruguai e Argentina (Wetzel, 1985; Silva *et al.*, 2012 - área de ocorrência abrange Roraima). Há duas espécies de tatus-bola: *Tolypeutes matacus* tem distribuição restrita a oeste do cerrado do Mato Grosso e no Chaco Paraguai e Boliviano; *T. tricinctus* ocorre ao sul da Amazônia, no cerrado e caatinga. Há duas citações para a Amazônia de tatus que fecham a carapaça na forma de bola: Peterson & Pine (1982) citam *Tolypeutes matacus* para o Pará e Alexandre Rodrigues Ferreira (1786) cita tatu-bola, também do Pará - na republicação de 1972 de ARFerreira há referência para este tatu (p.49) e identificação mais recente como *Tolypeutes tricinctus*. Há outras espécies de tatus que nós não encontramos evidências, mas cujas áreas de distribuições incluem Roraima, por exemplo, *Dasyopus kappleri*, o tatu canastra, e *Cabassous unicinctus*, o tatu-de-rabo-mole (Miranda *et al.*, 2015; Anacleto *et al.*, 2012; Paglia *et al.*, 2012).

Distribuição em Roraima e conservação

Os tatus galinha, bola e peba foram relatados ocorrerem nas áreas de mata e no lavrado; o tatu-canastra vive nas matas, tanto no sul e oeste da região, quanto nas áreas fechadas do entorno do lavrado.

ORDEM PRIMATES

Os primatas podem ser categorizados em dois grupos tradicionais conservativos: o grupo Prosimii e o grupo Anthrooidea, o qual tem dois ramos, o subgrupo Catarrhini (do Velho Mundo) que abriga chimpanzés, bonobos, gorilas e humanos, e o grupo Platyrrhini (do Novo Mundo) que alberga os demais

primatas (Groves, 2001). Os macacos do grupo Platyrrhini estão distribuídos nas Américas Central e do Sul; no Brasil estão reunidos taxonomicamente em 19 gêneros e aproximadamente 139 táxons (Mittermeier *et al.*, 2013; Rylands, 2012) - 120 espécies e 19 subespécies - agrupados em 5 famílias: Callitrichidae (7 gêneros, 45 spp., 6 sspp.), Cebidae (3 gêneros, 20 spp., 2 sspp.), Aotidae (1 gênero, 6 spp.), Pitheciidae (4 gêneros, 35 spp., 6 sspp.), Atelidae (4 gêneros, 18 spp., 1 ssp.). Em Roraima ocorrem 11 espécies de macacos distribuídos em 10 gêneros e 4 famílias.

FAMÍLIA CEBIDAE

Os macacos desta família estão taxonomicamente arranjados em 2 subfamílias, Cebinae e Saimirinae (Rylands & Mittermeier, 2009). No Brasil os cebídeos estão distribuídos heterogeneamente nos domínios morfoclimáticos brasileiros, geralmente associados às porções florestadas dos ecossistemas. Em Roraima ocorrem o macaco-prego *Sapajus apella*, o cairara *Cebus castaneus* (veja *C. olivaceus castaneus* em Rylands, 2012 e Alfaro & Laroque, 2015), o macaco-de-cheiro *Saimiri sciureus* e o sauí *Saguinus midas*.

Espécies de distribuição predominantemente amazônica

Sapajus apella pode chegar até o norte da Bolívia e limite da Amazônia com o cerrado; *Cebus castaneus* vive em partes das Guianas e centro-sul de Roraima (Mittermeier & Rylands, 2018); *Saimiri sciureus* ocorre ao norte da América do Sul até o limite Amazônia e cerrado (Boubli *et al.*, 2008 - Silva Junior *et al.*, 2015 restringem mais a distribuição do macaco-de-cheiro) e *S. midas* do Suriname e Guiana até o rio Negro, na região de Manaus (Mittermeier *et al.*, 2018).

Distribuição em Roraima e conservação

Os macacos da região são de mata, incluindo as áreas florestadas no entorno do lavrado. Não há

consenso entre os moradores em confirmar a ocorrência de *S. midas*, mas a região está dentro da área de distribuição da espécie (Régis, 2015). As populações de *S. apella* e *S. sciureus* são citadas decrescendo; *S. midas* e *C. castaneus* estão estáveis (IUCN, 2018).

FAMÍLIA AOTIDAE

Os macacos-da-noite são onívoros, arborícolas, com os característicos olhos grandes - é o único primata antropóide noturno. A família comporta 10 espécies do gênero *Aotus*, distribuídos da América Central ao norte da América do Sul, domínio amazônico incluído; no Brasil as 6 espécies que ocorrem estão majoritariamente distribuídos na Amazônia (Bicca-Marques *et al.*, 2011, Ford, 1994). Embora não tenhamos observado o macaco-da-noite, e nem os moradores, índios e não índios, se refiram a este primata com a firmeza de avistamentos, optamos por incluir a espécie na lista dos primatas de Roraima, com base na literatura (Fernandez-Duque *et al.*, 2013; Nunes *et al.*, 1988).

FAMÍLIA PITHECIIDAE

Esta família é composta por 4 gêneros e várias espécies no Brasil (Rylands, 2012): *Callicebus* (23 spp.) *Pithecia* (5 spp., 2 sspp.), *Chiropotes* (5 spp.) e *Cacajao* (7 spp.). Em Roraima ocorrem o cuxiú *Chiropotes* sp., o parauacu *Pithecia pithecia* e o zogue-zogue *Callicebus lugens*.

Espécies de distribuição predominantemente amazônica

O parauacu e zogue-zogue são de distribuição amazônicas (IUCN, 2018); *P. pithecia* tem distribuição no Escudo da Guiana, incluindo a Amazônia (região do EG em Hoogmoed, 1979); *C. lugens* está distribuído a oeste da Amazônia (Azevedo, 2015a).

Distribuição em Roraima e conservação

Os avistamentos mais firmes do parauacu e do zogue-zogue foram feitos na Serra da Mocidade, uma

área de proteção gerenciada pelo ICMBio (S.P.Nascimento, obs. pes.). O cuxiú do gênero *Chiropotes* é reconhecido pelos moradores das áreas florestadas pela cauda espessa, não preênsil, um primata relativamente comum em Roraima.

Comentários: É relevante no presente contexto considerarmos que vários ecossistemas roraimenses estão nas áreas de distribuição de *C. chiropotes*, por exemplo, as áreas serranas ao norte e as áreas florestadas a oeste, de Roraima, dentro da região de ocorrência de *chiropotes*, que abrange no geral o Escudo da Guiana (Boubli, 2002; Silva Junior *et al.*, 2013; Azevedo 2015b, IUCN, 2018).

FAMÍLIA ATELIDAE

A família comporta 5 gêneros, 4 destes no Brasil (Paglia *et al.*, 2012): *Ateles* (4 spp.), *Brachyteles* (2 spp.), *Lagothrix* (3 spp.) e *Alouatta* (9 spp., 2 sspp.). Em Roraima a literatura cita as ocorrências do guariba *Alouatta cf. macconnelli* (revisão do gênero *Alouatta* em Gregorin, 2006), dos coatás ou macacos-aranha *Ateles paniscus* (Nunes *et al.*, 1988) e *Ateles belzebuth* (IUCN, 2018; Mourthé *et al.*, 2015).

Espécies de distribuição predominantemente amazônica

A distribuição de *Alouatta cf. macconnelli* é tipicamente do Escudo da Guiana. Os coatás *Ateles paniscus* e *A. belzebuth* são de distribuição amazônica.

Distribuição em Roraima e conservação

Os coatás são simpátricos em Roraima; a área de contato inclui o lavrado, certamente nas porções de mata em contato com as áreas abertas (IUCN, 2018; Mourthé *et al.*, 2015; Rylands & Régis, 2015). O guariba e os coatás vivem em áreas florestadas. *Alouatta cf. macconnelli* é ouvido de longe quando vocaliza, tanto na mata do entorno do lavrado quanto nas áreas florestadas do baixo rio Branco e a oeste de Roraima. Moradores se referem inequivocadamente aos coatás, ressaltando a forma

como se locomovem entre os galhos das árvores, com braçadas longas. *A. paniscus* está na categoria vulnerável e *A. belzebuth* na categoria ameaçado (IUCN, 2018).

ORDEM CARNIVORA

Os carnívoros compreendem um grupo de mamíferos que possuem adaptações fisiológicas, morfológicas e comportamentais essencialmente para predação de outros vertebrados, por exemplo, aguçado sentido de caça, dentes adaptados para cortar carne e dedos com garras afiadas. Carnívoros geralmente estão no topo da cadeia alimentar. No Brasil ocorrem 33 espécies de carnívoros, arranjados taxonomicamente em 23 gêneros e 7 famílias (Paglia *et al.*, 2012). A distribuição destas espécies é ampla, do México até a Argentina, como o jaguarundi *Herpailurus yagouaroundi* (Emmons & Feer, 1999; IUCN, 2018), ou restrita ao domínio amazônico, como a doninha *Mustela africana* (Cheida *et al.*, 2011). A ordem Carnívora contém duas subordens, Caniformia, 9 famílias; Feliformia, 6 famílias (Wozencraft, 2005). Em Roraima ocorrem pelo menos 4 famílias de carnívoros, com 13 espécies.

FAMÍLIA CANIDAE

Esta família é composta por 13 gêneros e 35 espécies da subordem Caniformia (Wilson & Reeder, 2005). No Brasil ocorrem 5 gêneros e 6 espécies, distribuídos na maioria dos domínios morfoclimáticos; em Roraima ocorrem 2 espécies.

Espécies de distribuição ampla

O cachorro vinagre *Speothos venaticus* e a raposa *Cerdocyon thous* são canídeos de ampla distribuição geográfica, desde a América Central (*S.venaticus*) e Amazônia (*C.thous*) até a Argentina (Cheida *et al.*, 2011).

Distribuição em Roraima e conservação

Os canídeos de Roraima habitam mais frequentemente as áreas de mata no entorno do

lavrado. *Speothos venaticus* consta como quase ameaçado nas listas da IUCN (2016, 2018); *Cerdocyon thous* tem a situação estável.

FAMÍLIA MUSTELIDAE

É a família do furão, lontra e ariranha - o corpo é alongado, cabeça pequena em relação ao corpo, cauda longa. Terrestres, aquáticos ou semiaquáticos, vivem no mundo todo (ca. 52 spp. - Wilson & Reeder, 2005); 6 espécies no Brasil (Cheida *et al.*, 2011); 4 destas estão presentes em Roraima.

Espécies de distribuição ampla

Do México até a Argentina vivem a irara *Eira barbara* e o furão *Galictis vittata*; a lontra *Lontra longicaudis* chega até o Uruguai, todos encontrados nos domínios morfoclimáticos brasileiros - a ariranha *Pteronura brasiliensis* ocorre na Amazônia, cerrado e Mata Atlântica, até o Rio Grande do Sul (IUCN, 2018; Cheira *et al.*, 2011; Paglia *et al.*, 2012).

Distribuição em Roraima e conservação

Os mustelídeos vivem nas regiões de mata em Roraima e não são avistados no lavrado. Com relação à conservação, o furão *G. vittata* consta das listas da IUCN (2016, 2018) como populações estáveis, mas os demais mustelídeos que ocorrem em Roraima estão na categoria de populações em decréscimo.

FAMÍLIA PROCYONIDAE

Seus representantes são plantígrados, com 5 dedos separados nas patas. No geral são noturnos e têm habilidades para cavar o solo e escalar árvores. A família (6 gêneros, 14 spp.) ocorre nas três Américas; no Brasil vivem 4 gêneros e 4 espécies – 3 destas ocorrem em Roraima (Cheida *et al.*, 2011). São os conhecidos, mão-pelada, quati e jupará.

Espécies de distribuição ampla

Até a Argentina vive o mão pelada *Procyon cancrivorus* desde a América Central, e também o quati *Nasua nasua* desde o norte da América do Sul;

o jupará *Potos flavus* tem ampla distribuição, desde o México até o cerrado e Mata Atlântica do Rio de Janeiro (IUCN, 2018; Emmons & Feer, 1997).

Distribuição em Roraima e conservação

O mão-pelada *P. cancrivorus* frequenta áreas de mata e lavrado. O quati *N. nasua* se adaptou bem nas áreas do lavrado e o jupará *P. flavus* é típico habitante das matas, podendo chegar até a borda com as áreas abertas. Os yanomami da região do Catrimani chamam “hera” para o jupará (Emeri, 1987). Com relação à conservação, os procionídeos que ocorrem em Roraima têm as populações decrescendo, de acordo com a IUCN (2016, 2018). Isto é preocupante, uma vez que são animais que não toleram perturbações nos seus habitats e podem ser extintos localmente em várias regiões de Roraima.

Comentários: Da região do Monte Roraima foi registrada (Havelková *et al.*, 2006) uma subespécie de quati, *Nasua nasua vittata*, também registrada para o Suriname (Husson, 1973); sua ocorrência para Roraima é bem provável.

FAMÍLIA FELIDAE

É a família dos gatos e onças, da subordem Feliformia (Eisemberg & Redford, 1999; Reis *et al.*, 2011): a dentição é especializada para furar e cortar as carnes das suas presas; a pelagem destes animais é com ou sem pintas, com manchas negras ou listras, cuja coloração é mais vistosa do que a dos canídeos; as garras são retráteis. No geral os felídeos são terrícolas e noturnos, solitários em muitas espécies. Esta família é composta por duas subfamílias, Felinae e Pantherinae, com aproximadamente 40 espécies. No Brasil ocorrem felinos de uma única família, Felidae, com 3 gêneros e 8 espécies (Paglia *et al.*, 2012); 4 destas são encontradas em Roraima.

Espécies de distribuição ampla

Os gatos e onças que ocorrem no Brasil são de ampla distribuição, do México ao norte da Argentina, em todos os domínios morfoclimáticos

brasileiros. Comparecem em Roraima a jaguatirica *Leopardus pardalis*, o gato-maracajá *Leopardus wiedii*, e a onça-pintada *Panthera onca*. A suçuarana ou onça-parda, *Puma concolor*, é o felídeo que tem maior distribuição, ocorrendo desde o Canadá e Estados Unidos até o norte da Argentina, em todos os domínios morfoclimáticos brasileiros.

Distribuição em Roraima e conservação

Exceto a suçuarana *P. concolor*, que é de mata, os demais felídeos da região de Roraima ocorrem tanto nas áreas fechadas, como no lavrado, onde esporadicamente andam a procura de comida. Com relação à conservação, as populações dos felídeos foram consideradas em declínio pela IUCN (2016, 2018). A onça pintada *Panthera onca* é a espécie que mais tem sofrido extinções locais, considerada extinta no sul dos Estados Unidos, em várias regiões do México e da América Central, bem como em diversas áreas do sul da América do Sul, do cerrado e em várias regiões da Mata Atlântica.

Um dos problemas mais sérios que levam às extinções locais é a perda de habitats das espécies (Chiarello, 1999). No caso dos felídeos sul-americanos, estes são solitários e estão no topo da cadeia alimentar. Uma das consequências ecológicas desta posição trófica é que as áreas de vida dos felídeos são extensas, principalmente das espécies de grande porte, como as onças. Quando uma área é perturbada, destruindo o habitat dos indivíduos, eles entram em outros ambientes para caçarem, onde normalmente não vivem. Assim podem ser explicados os ataques de onças a bezerros e a outras criações em Roraima. A reação dos criadores é matar o felídeo que veio caçar, aumentando as chances de extinções locais.

ORDEM CETACEA

Os cetáceos compreendem os mamíferos adaptados à vida aquática nos mares e em água doce (Monteiro-Filho *et al.*, 2006). O corpo é no geral desprovido de pelos e apresentam depósitos de gorduras que ajudam na homeotermia. Os membros

posteriores são ausentes e os posteriores sofreram modificações para viverem na água e funcionam como nadadeiras. Duas subordens são reconhecidas, Mysticeti (baleias e rorquais) e Odontoceti (baleias com dentes, golfinhos e botos), compondo 9 famílias, 27 gêneros e 45 espécies no Brasil. Em Roraima vivem duas famílias de cetáceos.

FAMÍLIA DELPHINIDAE

A maioria das espécies vive na costa litorânea e nos estuários. São os golfinhos. Na Amazônia ocorre o tucuxi *Sotalia fluviatilis*, animal social que vive em grupos com apurada técnica de capturar suas presas, os peixes. Nós não observamos tucuxis durante as viagens que fizemos, mas os moradores da região do baixo rio Branco, em áreas próximas da foz com o rio Negro, dizem observar tucuxis. São animais muito predados pelos humanos, devido a interferirem nas redes de pesca (Silva & Best, 1994).

FAMÍLIA INIIDAE

Comporta esta família um gênero e uma espécie, *Inia geoffrensis*, conhecido como boto-cor-de-rosa ou boto vermelho, o maior golfinho de água doce (Monteiro-Filho *et al.*, 2006). A cor róseo-avermelhada nos adultos é devida aos capilares subcutâneos; os jovens são acinzentados. São animais solitários, vivem em simpatria com os tucuxis na Amazônia. Não observamos este animal nas nossas viagens, mas, à semelhança do tucuxi, os moradores próximos à foz do rio Branco com o rio Negro, por exemplo nas áreas alagadas de Santa Maria do Boiaçu, se referem ao boto vermelho na região.

ORDEM SIRENIA

FAMÍLIA TRICHECHIDAE

São os conhecidos peixes-boi. A família comporta um gênero e duas espécies – *Trichechus manatus*, que é marinho, e *T. inunguis*, que vive na água doce. Há uma característica interessante na coloração nestes animais, que é uma mancha branca peitoral; no restante do corpo o peixe-boi é preto.

Na Amazônia o peixe-boi é apreciado na alimentação e pelo couro, por isso foi muito predado por humanos; atualmente estão mais protegidos, devido às ações do Ibama e do ICMBio. Herbívoros, os peixes-boi alimentam-se de gramíneas das margens dos rios, principalmente os de água branca. No Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia há um grande projeto que contribui para o conhecimento e preservação desta espécie (Schubart, 1986; www.ampa.org.br - *Associação dos Amigos do Peixe-Boi*). Não observamos peixes-boi, mas os moradores do baixo rio Branco se referem inequivocamente a estes animais na região.

ORDEM ARTIODACTYLA

Os artiodáctilos compõem um grupo com 10 famílias, 80 gêneros e aproximadamente 210 espécies (Wilson & Reeder, 2005) - são os ungulados (*úngula*, neste caso refere-se a casco, unha). Os dedos dos mamíferos deste grupo sofreram várias adaptações nos eixos de simetria, reduções e fusões; as espécies atuais têm 2 ou 4 dedos. Por exemplo, nos porcos os eixos de simetria situam-se entre o terceiro e o quarto ossos metacarpianos e os respectivos dedos modificados, sendo o 2° e 5° dedos pequenos e o 1° dedo ausente, numerados no sentido látero-medial; nos bovídeos o 3° e o 4° ossos metacarpianos estão fundidos, onde se inserem distalmente as 3a. e 4a. falanges correspondentes, com as respectivas unhas (úngulas) separadas, formando o casco (Romer & Parsons, 1985).

As famílias dos artiodáctilos podem se agrupar em Tylopoda e Ruminantia. O primeiro grupo é composto pelas famílias Suidae, Tayassuidae, Hippopotmidae e Camelidae; o segundo grupo pelas famílias Antilocapridae, Giraffidae, Cervidae, Bovidae, Moschidae e Tragulidae (Hassanin & Douzery, 2003). No Brasil ocorrem 2 famílias em natureza, Cervidae (8 spp.) e Tayassuidae (2 spp.) - 2 famílias são de criadouros, Suidae e Bovidae.

Comentários: A família Suidae no Brasil compreende as espécies introduzidas *Sus scrofa*

scrofa, o javali-europeu importado de criadouros do Canadá e França nos anos 1980 (Gimenez *et al.*, 2003), e *Sus scrofa domesticus*, o porco doméstico, introduzido no Brasil nos anos 1500. A família Bovidae é citada como parte da fauna dos artiodáctilos nos ecossistemas brasileiros, para incluir o búfalo *Bubalus bubalis*, considerada silvestre por alguns autores (Tiepolo & Tomas, 2011). Os bovídeos *Capra hyrcus*, a cabra doméstica, *Ovis aries*, bem como o boi *Bos taurus* estão na mesma condição não silvestres. Assim, não incluímos suídeos e bovídeos nas listas deste estudo, porque seus registros são de outra natureza.

FAMÍLIA CERVIDAE

Os cervídeos vivem em todos os continentes - são os veados, ruminantes verdadeiros, cujos estômagos têm quatro câmeras. Os 3° e 4° dedos são mais desenvolvidos e dão apoio para locomoção; os demais dedos são rudimentares. Geralmente apresentam chifres, ramificados ou não. Ocorrem no Brasil 8 espécies (subfamília Odocoilinae); pelo menos 3 destas estão presentes em Roraima.

Espécies de distribuição ampla

O veado-mateiro *Mazama americana* (chifres não ramificados) ocorre desde o México até a Argentina; o veado-catingueiro *Mazama gouazoubira* (chifres não ramificados) ocorre ao norte da América do Sul até o Mato Grosso (Tiepolo & Tomas, 2011). O veado-galheiro *Odocoileus virginianus* (chifres ramificados) ocorre do sul do Canadá ao norte da América do Sul; no Brasil vive em algumas regiões da Amazônia. Há citações na literatura que consideram *Odocoileus cariacou* (Boddaert, 1784) a espécie sul americana do veado-galheiro (Molinari, 2007; Tiepolo & Tomas, 2011). Neste relato nós seguimos a IUCN (2018) e adotamos *O. virginianus*.

Distribuição em Roraima e conservação

O veado-mateiro *M. americana* pode ser visto

nas áreas abertas e fechadas de Roraima; o veado-catingueiro *M. gouazoubira* é relatado pelos moradores ocorrer apenas nas áreas de mata. O veado-galheiro *Odocoileus virginianus* ocorre também nas áreas de mata. Com relação à preservação, *O. virginianus* e *M. americana* precisam de mais informações sobre as suas populações, mas *M. gouazoubira* consta das listas da IUCN (2016, 2018) como estando com as populações em declínio.

Comentários: Alguns moradores da região se referem também ao veado fuboca, um animal pequeno que vive nas áreas de mata a oeste e sul de Roraima. A literatura (Paglia *et al.*, 2012; Duarte *et al.*, 2012) cita o fuboca *Mazama nemorivaga* para a Amazônia. A observação dos moradores merece atenção – o fuboca está classificado pela IUCN (2016, 2018) como pouco preocupante, mas a perda de habitats pode levar à extinções locais.

FAMÍLIA TAYASSUIDAE

Os porcos-do-mato são animais de pernas curtas e corpo robusto, pelagem curta e dura; focinho alongado, móvel; caninos superiores grandes e retos, triangulares, os inferiores grandes se encaixam na mandíbula superior. Membros anteriores com 4 dedos, os 3º e 4º são desenvolvidos, dotados de unhas que envolvem completamente os dedos; os membros posteriores com 3 dedos. A dieta destes animais é basicamente material vegetal no solo. No Brasil ocorrem duas espécies de porcos-do-mato, *Pecari tajacu* e *Tayassu pecari* (Tiepolo & Tomas, 2011; Gongorra *et al.*, 2011), ambas estão em Roraima.

Espécies de distribuição ampla

O caititu *Pecari tajacu* e o queixada *Tayassu pecari* distribuem-se do sul da América do Norte até a Argentina, por todos os domínios morfoclimáticos brasileiros, mas parece não se adaptarem muito bem nos ambientes da caatinga. Os queixadas podem se diferenciarem dos caititus pelo comportamento social, dimensões corporais e coloração – queixadas são pouco discretos, têm maior tamanho e ostentam

uma mancha esbranquiçada na mandíbula.

Distribuição em Roraima e conservação

Os caititus e queixadas vivem na mata, raramente adentram as áreas abertas, provavelmente porque não há comida para eles ou por ser mais difícil de conseguir alimento. Os grupos de queixadas são grandes e espalhafatosos, chegando a reunir 90 ou mais indivíduos; caititus são menos numerosos e mais discretos. São animais muito caçados localmente pelos moradores e em todas as regiões onde ocorrem, porque as carnes destes porcos são apreciadas pelos humanos. Os grandes gatos também predam os porcos-do-mato, uma das razões pelas quais as populações de queixadas possam estar na categoria de vulneráveis, de acordo com a IUCN (2016, 2018). Entretanto, talvez seja mais razoável supor que a caça por humanos possa ser o principal fator a causar problemas às populações de *Tayassu pecari*; já as populações de caititus, *P. tajacu*, estão na categoria pouco preocupantes da IUCN (2016, 2018). Na região de Roraima os porcos-do-mato são caçados por humanos nas áreas florestadas e nas matas ao redor do lavrado, mas estão protegidos nas unidades de conservação do ICMBio na região, principalmente na de Maracá e Serra da Mocidade.

ORDEM PERISSODACTYLA

Nesta ordem de ungulados estão os equinos, antas e rinocerontes. Os dedos são ímpares (1 ou 3) nas patas dianteiras ou nas posteriores; nos equinos o dedo médio é único ou mais desenvolvido do que os demais (Romer & Parsons, 1985). Na América do Sul ocorre a família Tapiridae em estado silvestre.

Comentários: Pelo mesmo motivo de não termos incluído nas listas os artiodáctilos que passaram ou passam por processos de domesticação, também não incluímos na listagem o cavalo lavradeiro *Equus caballus*, família Equidae, embora ainda ocorram manadas em estado não domesticado nas terras indígenas do lavrado (Braga, 2000). Da mesma forma não incluímos o jumento *Equus asinus*.

FAMÍLIA TAPIRIDAE

É a família das antas, gênero *Tapirus*, amplamente distribuídas na Ásia, América Central e do Sul, com 5 espécies e várias subespécies (Wilson & Reeder, 2005). É um animal de pernas curtas e porte grande, o adulto pode chegar a 300 kg. A cabeça tem uma crista sagital, e o lábio superior é prolongado para frente e para baixo, formando uma tromba móvel. Nas patas dianteiras as antas têm 4 dedos, o polegar desapareceu e o 3º dedo é maior do que os demais, nas patas posteriores os tapirídeos têm 3 dedos. Solitários, a dieta destes animais é constituída por fibras vegetais e frutos. No Brasil são registradas duas espécies, *Tapirus terrestris* com distribuição ampla, e a amazônica *T. kabomani* (Cozzuol *et al.*, 2013).

Espécie de distribuição ampla

A anta *T. terrestris* ocorre desde a Venezuela e Amazônia até a Mata Atlântica e norte da Argentina, com populações no cerrado e na caatinga em contato com a floresta, o agreste.

Distribuição em Roraima e conservação

Em Roraima *T. terrestris* é encontrada nas áreas de mata. É caçada por humanos, mas está protegida em várias regiões devido às ações do ICMBio.

ORDEM RODENTIA

Esta é a família dos roedores. São animais de pequeno porte em boa parte das espécies, dentes com um par de incisivos grandes que se desgastam e crescem continuamente - adaptação ao hábito roaz de se alimentarem. Ecologicamente são dispersores de sementes; do ponto de vista da saúde pública alguns grupos são vetores e agentes transmissores de várias doenças, por exemplo, leptospirose, hantavirose, triquinose e a peste transmitida aos humanos por pulgas através de ratos da família Muridae.

Os roedores silvestres que vivem nos ecossistemas brasileiros incluem os ratos, a capivara, pacas, cutias, quatiurus e ouriços, os quais, juntamente com os morcegos, constituem a maior

riqueza de espécies da mastofauna brasileira, compreendendo 9 famílias, 74 gêneros e cerca de 245 espécies silvestres (Paglia *et al.*, 2012). Destas espécies, aproximadamente 196 são ratos (80% da ordem), arranjados em 60 gêneros das famílias Cricetidae (131 spp.) e Echimyidae (65 spp.). Na literatura são várias as referências para os roedores, por exemplo, Bonvicino *et al.*, (2005), Oliveira & Bonvicino (2011), Woods & Kilpatrick (2005), Wilson & Reeder (2005), Emmons & Feer (1997), Paglia, *et al.* (2012).

Na Amazônia vivem cerca de 92 espécies de roedores; destas perto de 70 são ratos, compondo cerca de 76% dos roedores amazônicos, distribuídos em 21 gêneros (Paglia *et al.*, 2012; Percequillo *et al.*, 2015). A subfamília Sigmodontinae (família Cricetidae 15 gêneros, 41 espécies) e a família Echimyidae (8 gêneros, 28 espécies) contêm a maioria das espécies de ratos amazônicos.

Em Roraima ocorrem 12 espécies de roedores (Cordeiro & Oliveira, 2005, Oliveira & Bonvicino, 2011) das famílias Caviidae, Dasyproctidae, Erethizontidae, Sciuridae, Cricetidae e Echimyidae, majoritariamente distribuídos nas áreas florestadas; algumas espécies vivem no lavrado.

FAMÍLIA CAVIIDAE

A família é composta por duas subfamílias no Brasil, Caviinae e Hydrochoerinae, taxonomicamente arranjados em 4 gêneros e 9 espécies. A subfamília Caviinae abriga 6 espécies de preás; a subfamília Hydrochoerinae é representada capivara e por 2 espécies de mocós (Wilson & Reeder, 2005; Paglia *et al.*, 2012). Em Roraima nós registramos a capivara *Hydrochoerus hydrochaeris*, mas o preá *Cavia aperea* tem sua área de distribuição incluída ao menos em parte da região de Roraima (Bernal, 2016).

Espécie de distribuição ampla

A capivara está distribuída do Panamá, por todos os domínios morfoclimáticos brasileiros, até a Argentina.

Distribuição em Roraima e conservação

A capivara pode ser encontrada associada a igarapés da mata e nas matas galerias do lavrado. A espécie não está em perigo, embora a destruição dos seus habitats afete negativamente as suas populações.

FAMÍLIA CUNICULIDADE

É a família das pacas, constituída por um gênero e duas espécies; no Brasil ocorre uma espécie, *Cuniculus paca*. As pacas têm 4 dedos nas patas anteriores, 2 alongados e providos de unhas, os demais reduzidos; 5 dedos nas patas posteriores, 3 medianos alongados e providos de unhas, os demais reduzidos. São animais terrícolas, de hábitos diurnos; habitam as matas e alimentam-se de frutos caídos no chão e outras partes vegetais. Pacas são solitárias e territoriais.

Espécie de distribuição ampla

Cuniculus paca ocorre desde o México até a Argentina, por todos os domínios brasileiros.

Distribuição em Roraima e conservação

Em Roraima a paca pode ser encontrada nas áreas de mata, geralmente durante o dia. Com relação à conservação, a paca não está diretamente ameaçada, mas é bastante caçada por humanos. Políticas públicas de preservação ambiental, monitoramento de espécies e manejo de vida silvestre certamente ajudarão a preservar estas espécies caçadas para consumo humano, incluindo a paca.

FAMÍLIA DASYPROCTIDAE

No Brasil esta família ocorre com 11 espécies nos gêneros *Dasyprocta* (9 spp.) das cotias e *Myoprocta* (2 spp.) das cotiarias. São animais diurnos, vivem em áreas fechadas, distribuídos da Amazônia por todos os domínios brasileiros. Alimentam-se de frutas caídas no chão e partes vegetais tenras; têm o hábito característico de enterrar sementes inteiras em vários lugares da sua área de vida, o que facilita a dispersão de plantas.

Distribuição em Roraima e conservação

Em Roraima a literatura cita a ocorrência da cotiaria *Myoprocta acouchi*, espécie que habita o norte da América do Sul e partes da Amazônia (Oliveira & Bonvicino, 2011). A cotiaria é parecida com a cotia, porém são menores (menos que 1,5 kg) e a cauda é conspícua, ainda que curta. A cotiaria *M. acouchi* habita áreas de mata em Roraima e são animais muito predados por humanos. Nas áreas de colonização a supressão da vegetação e a caça intensiva certamente afetaram as populações de cotiarias, o que justificaria a inclusão da espécie na categoria ameaçada.

FAMÍLIA ERETHIZONTIDAE

É o grupo dos ouriços, roedores que têm a cauda é preênsil e pelos rígidos e compridos (“espinhos”). A família é composta pelas subfamílias Chaetomyinae (1 gênero, 1 espécie) e Erethizontinae, (4 gêneros, 15 espécies). No Brasil, em todos os domínios morfoclimáticos, ocorrem 2 gêneros e 6 espécies; em Roraima ocorre *Coendou prehensilis*.

Espécie de distribuição ampla

O ouriço ou porco-espinho *C. prehensilis*, ocorre na Venezuela e Guianas; comum na Amazônia, cerrado, caatinga e Mata Atlântica, até a Argentina (Oliveira & Bonvicino, 2011).

Distribuição em Roraima e conservação

Em Roraima o ouriço vive na mata e pode ser encontrado nas matas galerias dos rios que atravessam áreas de lavrado. Com relação à conservação, o ouriço não está ameaçado diretamente (IUCN, 2016, 2018). Os yanomami da região do Catrimani se referem ao ouriço como “hopè” (Emiri, 1987).

FAMÍLIA SCIURIDAE

Este é o grupo dos caxinguelês, também conhecidos por esquilo, serelepe e quatipuru. São animais diurnos, de hábitos arbóreos. A família é arranjada em várias subfamílias. No Brasil ocorrem

4 gêneros e 11 espécies; em Roraima ocorrerá pelo menos uma espécie desta família.

Distribuição em Roraima e conservação

O provável quati-puru desta região poderá ser *Guerlinguetus aestuans* (Oliveira & Bonvicino, 2011). Moradores mais antigos se referem a um animal das áreas de mata como quati-puru; os yanomami do rio Catrimani o chamam “wayapaxi” (Emiri, 1987). Na Amazônia ocorrem 7 espécies de quati-purus (Oliveira & Bonvicino, 2011; Paglia *et al.*, 2012): *Guerlinguetus aestuan*, *G. gilvularis*, *G. ignitus*, *Microsciurus flaviventer*, *Sciurillus pusillus*, *Urosciurus igniventris* e *U. spadiceus*.

FAMÍLIA CRICETIDAE

Este grupo taxonômico inclui a subfamília Sigmodontinae, constituída por ratos silvestres neotropicais, com pelo menos 130 espécies em 40 gêneros no Brasil (Paglia *et al.*, 2012). As espécies das famílias Cricetidae e Echimyidae (aproximadamente 198 spp. juntas) constituem cerca de 83,5% da ordem dos roedores que ocorrem nos ecossistemas brasileiros (aproximadamente 237 spp.). Pelo menos 3 espécies de ratos cricetídeos ocorrem em Roraima (Oliveira & Bonvicino, 2011).

Espécies de distribuição predominantemente amazônica

Os ratos *Rhipidomys nitela*, *Zygodontomys brevicauda* e *Sigmodon alstoni* são amazônicos - *R. nitela* foi descrito da Guiana e chega até a Venezuela; *Z. brevicauda* foi descrito de Trinidad, chega até norte do domínio amazônico, incluindo a Venezuela; *S. alstoni*, descrito de Cumaná, estado Sucre, Venezuela, ocorre em algumas áreas abertas do Pará e Amapá (Oliveira & Bonvicino, 2011).

Distribuição em Roraima e conservação

Nossos registros para os ratos são muito pontuais, certamente em Roraima devem ocorrer várias outras espécies de cricetídeos além destes que

nós registramos, por exemplo, *Olygoryzomys fulvescens*, que ocorre no México e ao norte da América do Sul (Oliveira & Bonvicino, 2011). Com relação à conservação, estas espécies de ratos cricetídeos que ocorrem em áreas de lavrado (matas galerias e buritizais) e na mata estarão vulneráveis, na medida em que os habitats forem sendo destruídos.

Comentários: O rato *Podoxymys roraimae*, única espécie do gênero, descrito do Monte Roraima por Anthony em 1929, também ocorre na porção roraimense do tepui (Oliveira & Bonvicino, 2011).

FAMÍLIA ECHIMYIDAE

São os ratos-coró e os ratos de espinho. A família é composta por três subfamílias - Dactylomyinae (2 gêneros - 3 spp.), Echimyinae (6 gêneros - 25 spp.) e Eumysopinae (8 gêneros - 40 spp.), que ocorrem heterogeneamente nos domínios morfoclimáticos brasileiros (Oliveira & Bonvicino, 2011). A subfamília Heteropsomyinae é considerada extinta (IUCN, 2018).

Em Roraima devem ocorrer vários gêneros e espécies de equimídeos, com possíveis endemismos até - *Proechimys arapubu* (subfamília Eumysopinae), por exemplo, foi descrita do Monte Roraima por João Moojen de Oliveira em 1948 (Bonvicino *et al.*, 2005). Este rato *arapubu* tem distribuição restrita a Roraima e algumas regiões vizinhas, no Amazonas.

Comentários: Seguindo a racional adotada para as outras espécies consideradas não silvestres, também não incluímos na listagem os ratos da família Muridae, *Mus musculus*, *Rattus rattus* e *R. norvegicus*, introduzidos no Brasil a partir dos anos 1500 e que ocorrem em Roraima. São roedores cosmopolitas, de importância sanitária, visto serem potencialmente transmissores de doenças, como a peste e o tifo endêmico (a pulga *Xenopsylla cheopis* é vetora das bactérias *Yersinia pestis* e *Rickettsia typhi*, a primeira causadora da peste, a outra do tifo - a pulga parasita os ratos e pode, em situações excepcionais, parasitar os humanos também, causando estas doenças bacterianas) e hantavíroses, dentre outras.

ORDEM LAGOMORPHA

Os coelhos e lebres são animais de pelagem e cauda curtas; no lábio superior há uma estrutura almofadada. Os dentes incisivos são longos, de crescimento contínuo; atrás destes há outro par. Incluem a coprofagia na dieta, como fonte adicional de vitamina B (Achaval *et al.*, 2004). A ordem é composta por 2 famílias, Ochotonidae e Leporidae, distribuídas em quase todos os continentes. No Brasil ocorre a família Leporidae com 2 espécies, uma presente em Roraima.

FAMÍLIA LEPORIDAE

A família dos leporídeos é composta por 11 gêneros e cerca de 60 espécies, amplamente distribuídos em vários ecossistemas. No Brasil ocorre apenas um representante desta família, o tapiti *Sylvilagus brasiliensis*. São animais pequenos, cobertos por uma pelagem curta de coloração marmoreada. A dieta dos tapitis consiste de frutos

caídos no chão e outras partes vegetais. Geralmente fazem tocas.

Comentários: A lebre *Lepus europaeus* originária da Europa e Ásia, foi introduzida no Brasil e adaptou-se bem nos ecossistemas brasileiros. Algumas listas mencionam a espécie (Reis *et al.*, 2011a:153), outras não (Paglia *et al.*, 2012).

Espécie de distribuição ampla

Os coelhos do gênero *Sylvilagus* (ca. 17 spp.) têm ampla distribuição nas três Américas, com vários subgêneros e subespécies (Wilson & Reeder, 2005); *S. brasiliensis* ocorre do México à Argentina (Reis *et al.*, 2011a).

Distribuição em Roraima e conservação

O tapiti parece estar com algumas populações localmente ameaçadas, devido a supressões da vegetação. Na antiga colônia Apiaú, por exemplo, onde era comum, tapitis não são mais avistados.

RESUMO

Em Roraima foram registradas 11 ordens de mamíferos não voadores, compreendendo 28 famílias e pelo menos 57 espécies – aproximadamente 8% dos mamíferos brasileiros e 14% das espécies amazônicas. Nas áreas fechadas nós registramos 31 espécies; no lavrado 5 espécies; nas regiões serranas 2 espécies; juntas na mata e no lavrado 19 espécies. Pelo menos 29 destas espécies são de ampla distribuição em mais de um domínio morfoclimático. Os roedores (12 spp.), carnívoros (13 spp.) e primatas (11 spp.) compõem a maioria das espécies de mamíferos roraimenses. Há duas referências de endemismos para o Monte Roraima: o quati *Nasua nasua vittata* e o rato cricetídeo *Podoxymys roraimae*. Pelo menos 18 espécies de primatas, felídeos e veados estão incluídas em listas de conservação como vulneráveis.

ABSTRACT

In Roraima 11 orders of non-volant mammals were recorded, comprising 28 families and at least 57 species – nearly 8% of the Brazilian mammals and 14% of the Amazonian species. In forested areas we recorded 31 species; 5 species in the lavrado; 2 species in the mountain regions; together in the forest and lavrado 19 species. At least 29 of these species are widely distributed in more than one Morphoclimatic Domain. The majority of the Roraima mammal species are made up by rodents (12 spp.), carnivores (13 spp.) and primates (11 spp.). There are two endemism references for Monte Roraima: the coati *Nasua nasua vittata* and the cricetid rat *Podoxymys roraimae*. At least 18 species of primates, felines and deer are included in conservation lists as vulnerable.

REFERÊNCIAS

- Ab'Sáber, A.N. 2003. **Os domínios de natureza no Brasil – Potencialidades paisagísticas**. 1ª. ed., Editora Ateliê, S. Paulo 151p.
- Achaval, F., M. Clara & A. Olmos, 2004. **Mamíferos de la Republica Oriental del Uruguay**. Imprimex, Montevideú 176p.
- Alfaro, J.W.L. & P.O. Laroque, 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Cebus olivaceus castaneus* I. Geoffroy, 1851 no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7258-mamiferos-cebus-olivaceus-castaneus-macaco-prego.html>.
- Anacleto, T.C.S., A.G. Chiarello, F.R. Miranda, K.F.M. Silva, S.M. Vaz & T.P.C. Timo, 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Cabassous unicinctus* (Linnaeus, 1758) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies/7102-mamiferos-cabassous-unicinctus-tatu-de-rabo-mole-pequeno.html>.
- Azevedo, R.B. 2015a. **Avaliação do risco de extinção de *Callicebus lugens* (Humboldt, 1811) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7305-mamiferos-callicebus-lugens-sauade-colar.html>.
- Azevedo, R.B. 2015b. **Avaliação do risco de extinção de *Chiropotes chiropotes* (Humboldt, 1811) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7326-mamiferos-chiropotes-cuxiu.html>.
- Bernal, N. 2016. *Cavia aperea*. The IUCN Red List of Threatened Species 2016:e.T86257782A22189256. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2RLTS.T86257782A22189256.en>. downloaded 15 nov 2018.
- Bicca-Marques, J.C., V.M. Silva & D.F. Gomes, 2011. Ordem Primates pp107-150. *In: Mamíferos do Brasil* (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N.R. dos Reis, Londrina 439p.
- Bonvicino, C.R., I.B. Otazú & J.F. Vilela, 2005. Kariologic and molecular analysis of *Proechimys* (Rodentia: Echimyidae) from the Amazonian region. **Arquivos do Museu Nacional** 63(2): 191-200.
- Boubli, J.P. 2002. Western extension of the range of bearded sakis: a possible new taxon of *Chiropotes* sympatric with *Cacajao* in the Pico da Neblina National Park, Brazil. **Neotropical Primates** 10(1): 1-4.
- Boubli, J.P., A.B. Rylands, S. De La Torre & P. Stevenson, 2008. *Saimiri sciureus*. IUCN Red List of Threatened Species, Version 2011.2.
- Braga, R.M. 2000. **Cavalo lavradeiro em Roraima**. Embrapa 120p.
- Brasil, 2001. **Biodiversidade na Amazônia brasileira**. J.P.R. Capobianco, A. Veríssimo, A. Moreira, D. Sawyer, I. Santos & L.P. Pinto, Orgs. Pronabio – Min. Meio Ambiente, Estação Liberdade, Inst. Socioambiental 540p.
- Brasil, 2002. **Biodiversidade Brasileira**. Avaliação e Identificação de Áreas e Ações Prioritárias para Conservação, Utilização Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas 404p.
- Burgin, C.J., J.P. Colella, P.L. Kahn & N.S. Upham, 2018. How many species of mammals are there? **Journal of Mammalogy** 99(1): 1-14.
- Cheida, C.C., E. Nakano-Oliveira, R. Fusco-Costa, F. Rocha-Mendes & J. Quadros, 2011. Ordem Carnívora pp235-288. *In: Mamíferos do Brasil* - Cap. 8 (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição Nelio Roberto dos Reis, Londrina 439p.
- Chiariada, C. 2008. **Dicionário das palavras brasileiras de origem indígena**. Ed. Limiar, S.Paulo 728p.
- Chiarello, A.G. 1999. Effects of fragmentation on the Atlantic forest on mammals communities in south-eastern Brazil. **Biological Conservation** 89(1): 71-82.
- Cordeiro, J.L.P. 1999. **Classes de hábitat e distribuição potencial de pequenos mamíferos terrestres (Rodentia, Sigmodontinae, Didelphimorphia) nas savanas do médio e alto Surumu, Roraima**. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências, Curso de Ecologia 60p.
- Cordeiro, J.L.P. & L.F.B. Oliveira, 2005. Models of distribution of *Zigodontomys brevicauda* (Allen & Chapman, 1893) (Mammalia: Muridae) in the savannas of Roraima, Northern Brazil. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro 63(1): 49-62.
- Cozzuol, M.A., C.L. Clozato, E.C. Holanda, F.H.G. Rodrigues, S. Nienow, B.Thoizy, R.A.F. Redondo & F. R. Santos, 2013. A new species of tapir from the Amazon. **Journal Mammalogy** 94(6): 1331-1345.
- Duarte, J.M.B., A. Vogliotti, E.S. Zaneti, M. L. Oliveira, L.M. Tiepolo, L.F. Rodrigues & L.B. Almeida, 2012. Avaliação do risco de extinção do veado-roxo *Mazama nemorivaga* Cuvier, 1817, no Brasil. **Biodiversidade Brasileira** 3:68-73.
- Emmons, L. & F. Feer, 1997. **Neotropical rainforest mammals – A field guide**. 2nd. ed., University of Chicago Press 307p.
- Eisenberg, J.F. & K.H. Redford, 1999. **Mammals of the Neotropics: the Central Neotropics (Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil)**. The University of Chicago Press 609p.
- Emiri, L. 1987. **Dicionário Yãnomamê – Português (dialeto wakathautheri)**. Edições CPI/RR, Comissão Pró-Índio de Roraima, Boa Vista, Rr 93p.
- Fernandez-Duque, E., M.K. Corley & A. Spence-Aizenberg, 2013. Family Aotinae (night monkeys) pp414-431. *In: Handbook of the Mammals of the World* (Mittermeier, R.A., A.B. Rylands & D.E. Wilson, Eds.). Lynx Edicions, Barcelona 951p.
- Fonseca, G.A.B., G. Herrmann, R.Y.L. Leite, R.A. Mittermeyer, A.B. Rylands & J.L. Patton, 1996. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. **Occasional Papers in Conservation Biology** 4: 1-38.
- Ferreira, A.R. 1786 (1972). **Viagem filosófica pelas Capitânias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá**. Republicação 1972 - págs. 47-57, Ferreira relata sobre mamíferos do Grão Pará - Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, Dep. de Imprensa Nacional 246p.
- Ford, SM. 1994. Taxonomy and distribution of the owl monkey pp1-53. *In: Aotus: the owl monkey* (Baer, J.F., R.E. Willer & I. Kakoma, Eds.). Academic Press 380p.
- Gardner, A.L. 2005a. Order Didelphimorphia pp3-18. *In: Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference* (Wilson, D.E. & D.M. Reeder, Eds.). 3rd. ed. Johns Hopkins University Press 2141p.

- Gardner, A.L. 2005b. Order Cingulata pp94-99. *In: Mammal species of the world* (D.E. Wilson & D.M. Reeder, Eds.). 3rd. ed. Johns Hopkins University Press 2141p.
- Gimenez, D.L., L.S.L.S. Mota, R.A. Curi, G.J.M. Rosa, M.A. Gimenes, C.R. Lopes & E.J. Lucca, 2003. Análise cromossômica e molecular do javali europeu *Sus scrofa scrofa* e do suíno doméstico *Sus scrofa domesticus*. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science** 40: 146-154.
- Gongorra *et al.*, 2011. Revisiting the species status of *Pecari maximus* van Roosmalen *et al.*, 2007 (Mammalia) from Brazilian Amazon. **Bonn Zoological Bulletin** 60:95-101.
- Gregorin, R. 2006. Taxonomia e variação geográfica das espécies do gênero *Alouatta* Lacépède (Primates, Atelidae) no Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** 23(1): 64-144.
- Groves, C. 2001. **Primates taxonomy**. Smithsonian 350p.
- Hassanin, A. & E.J.P. Douzery, 2003. Molecular and morphological phylogenies of Ruminantia and the alternative position of the Moschidae. **Systematic Biology** 52(2): 206-228.
- Havelková, P., J. Robovský, M. Audy & A.D. Pascual, 2006. Brown-nosed coati (*Nasua nasua vittata*) on the Roraima tepui (Carnivora: Procyonidae). **Lynx** 37: 123-130.
- Hayssen, V. 2011. *Tamandua tetradactyla* (Pilosa: Myrmecophagidae). **Mammalian Species** 43(875): 64-74
- Hoogmoed, M.S. 1979. The herpetofauna of the Guiana region pp241-268 + Appendix. *In: The South America herpetofauna: its origin, evolution and dispersal* (W.E. Duellman, Ed.). Monograph of the Museum of Natural History, University of Kansas number 7, Lawrence 485p.
- Husson, A.M. 1973. Voorlopige lijst van de zoogdieren van Suriname. **Zoologische Bijdragen**, Leiden 14: 1-15.
- IUCN, 2016. **International Union for Conservation of Nature and Natural Resources - IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2016.2. (<http://www.iucnredlist.org>).
- IUCN, 2018. **International Union for Conservation of Nature and Natural Resources - IUCN Red List of Threatened Species**. Version 2018-2. <http://www.iucnredlist.org>.
- Lim, B.K., M.D. Engstrom & J. Ochoa G., 2005. Preliminary check list of the mammals of the Guiana Shield pp77-83. *In: Check list of the terrestrial vertebrates of the Guiana Shield* (T. Hollowell & R.P. Reynolds, Eds.). **Bulletin of the Biological Society of Washington** 13:1-98.
- Medri, I.M., G.M. Mourão & F.H.G. Rodrigues, 2011. Ordem Pilosa 91-106pp. *In: Mamíferos do Brasil* (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N.R. dos Reis, Londrina 439p.
- Miranda, F.R., R. Röhe, S.M. Vaz, T.C.S. Anacleto & T.P.C. Timo, 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Dasyus kappleri* Krauss, 1862 no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies/7104-mamiferos-dasyus-kappleri-tatu-quinze-quilos.html>.
- Mittermeier, R.A., A.B. Rylands & D.E. Wilson, 2013. **Handbook of the mammals of the world. 3. Primates**. Lynx Ediciones, Barcelona 953p.
- Mittermeier, R.A. & A.B. Rylands, 2018. *Cebus castaneus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e.T43941A17981329. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-2.RLTS.T43941A17981329.en>.
- Mittermeier, R.A., A.B. Rylands & J. Boubli, 2018. *Saguinus midas*. The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e.T41525A17932579. <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-2.RLTS.T41525A17932579.en>.
- Molinari, J. 2007. Variación geográfica en los venados de cola blanca (Cervidae, *Odocoileus*) de Venezuela, con énfasis en *O. margaritae*, la especie enana de la Isla de Margarita. **Memoria de la Fundación La Salle de Ciencias Naturales** 167:29-72.
- Monteiro-Filho, E.L.A., G.F. Filla, C. Domit & L.V. Oliveira, 2011. Ordem Sirenia. *In: Mamíferos do Brasil* – Cap. 3 (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N. R. dos Reis, Londrina 439p.
- Mourthé, I., C.C. Muniz & A.B. Rylands, 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Ateles belzebuth* (E. Geoffroy Saint-Hilaire, 1806) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies/7189-mamiferos-ateles-belzebuth-macaco-aranha.html>.
- Nogueira, R.N., I.P. Lima, R. Moratelli, V.C. Tavares, R. Gregorin & A.L. Peracchi, 2014. Check list of Brazilian bats, with comments on original records. **Check List** 10(4): 808-821.
- Nunes, A.P., J.M. Ayres, E. Martins & J.S. Silva Júnior. 1988. Primates of Roraima. I. Northeastern part of the territory. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 4: 87-100.
- Ojeda, R.A. 2013. Diversity and Conservation of Neotropical Mammals pp582-594. *In: Encyclopedia of biodiversity* (Simon Levin, Ed.). 2nd. ed., vol. 2, Academic Press 5504p.
- Oliveira, J.A. & C.R. Bonvicino, 2011. Ordem Rodentia pp359-415. *In: Mamíferos do Brasil* – Cap. 12 (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N. R. dos Reis, Londrina 439p.
- Paglia, A.P., G.A.B. Fonseca, A.B. Rylands, G. Hermann, L.M.S. Aguiar, A.G. Chiarello, Y.L.R. Leite, L.P. Costa, S. Siciliano, M.C.M. Kierulff, S.L. Mendes, V.C. Tavares, R.A. Mittermeier & J.L. Patton, 2012. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil. 2a. ed. – Annotated checklist of Brazilian Mammals. 2nd. ed. **Ocasional Paper N° 6 – Conservation International** 76p.
- Percequillo, A.R. *et al.*, 2015. Roedores sigmodontíneos da Amazônia brasileira: composição, distribuição geográfica e diagnoses pp149-186. *In: Pequenos mamíferos não voadores da Amazônia brasileira*. (A.C. Mendes-Oliveira & C.L. Miranda, Orgs.). Cap. 5, Sociedade Brasileira de Mastozoologia 312p.
- Peterson, N.E. & R.H. Pine, 1982. Chave para identificação de mamíferos da região amazônica brasileira com exceção dos quirópteros e primatas. **Acta Amazônica** 12(2): 465-482.
- Régis, T. 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Saguinus midas* (Linnaeus, 1758) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7246-mamiferos-saguinus-midas-saguida-mao-dourada.html>.
- Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima (Eds.), 2006. **Mamíferos do Brasil**. Edição N.R. dos Reis, Londrina 437p.
- Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima (Eds.), 2011. **Mamíferos do Brasil**. 2ª. ed. Edição N.R. dos Reis, Londrina 439p.
- Reis, N.R., H. Ortêncio Filho & G. Silveira, 2011a. Ordem Lagomorpha

- pp151-154. *In: Mamíferos do Brasil* (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N. R. dos Reis, Londrina 439p.
- Rodriguez-Herrera, B., J.D. Ramírez-Fernández, D. Villalobos-Chaves & R. Sánchez, 2014. Actualización de la lista de especies de mamíferos vivientes de Costa Rica. **Mastozoología Neotropical** 21(2): 275-289.
- Romer, S.R. & T.S. Parsons, 1985. **Anatomia comparada dos vertebrados**. Atheneu Editora, S.Paulo 559p.
- Rossi, R.V. & G.V. Bianconi, 2011. Ordem Didelphimorphia pp31-69. *In: Mamíferos do Brasil* (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N.R. dos Reis, Londrina 439p.
- Rylands, A.B. *et al.*, 2002. Amazonia pp56-107. *In: Wilderness: Earth's last wild places* (R.A. Mittermeier, P.R. Gil, S. Pilgrim, G.A.B. Fonseca, T. Brooks & W.R. Konstant, Eds.). Cemex, Agrupación Sierra Madre, S.C., Mexico.
- Rylands, A.B. & R.A. Mittermeier, 2009. The diversity of the New World primates (Platyrrhini): an annotated taxonomy pp23-54. *In: South American primates: comparative perspectives in the study of behavior, ecology, and conservation* (Garber, P.A., A. Estrada A., J.C. Bicca-Marques, E.W. Heymann & K.B. Strier, Eds.). Springer 564p.
- Rylands, A. B. 2012. **Taxonomy of the Neotropical Primates - database**. Internat. Union for Conservation of Nature, Species Survival Commission, Primate Specialist Group.
- Rylands, A. B. & T. Régis, 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Ateles paniscus* (Linnaeus, 1758) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/lista-de-especies/7194-mamiferos-ateles-chamek-macaco-aranha-da-cara-preta.html>.
- Schubart, H.O.R. 1986. Robin Cristopher Best (1949 - 1986). **Acta Amazonica** 16: 643-645.
- Silva, V.M.F. & R.C. Best, 1994. Tucuxi, *Sotalia fluviatilis* (Gervais, 1853) pp43-69. *In: Handbook of Marine Mammals* (S.H. Ridgway & R. Harrison, Eds.). Academic Press, 416p.
- Silva, J.M.C., A.B. Rylands & G.A.B. Fonseca, 2005. O destino das áreas de endemismos da Amazônia. **Megadiversidade** 1(1): 124-131.
- Silva, M.N.F., A. Rylands & J. Patton, 2001. Biogeografia e conservação da mastofauna na floresta amazônica brasileira pp110-131. *In: Biodiversidade na Amazônia brasileira*. (J.P.R. Capobianco, A. Veríssimo, A. Moreira, D. Sawyer, I. Santos & L.P. Pinto, Orgs.). Pronabio - MMA, Estação Liberdade, Instituto Socioambiental 540p.
- Silva Jr, J.S., W.M.B., Figueiredo-Ready & S.F. Ferrari, 2013. Taxonomy and geographic distribution of the Pitheciidae pp31-42. *In: Evolutionary Biology and Conservation of Titis, Sakis and Uacari* (Veiga, L.M., A.A. Barnett, S.F. Ferrari & M.A. Norconk, Eds.). Cambridge Univ. Press 420p.
- Silva Júnior, J.S., J.W.L. Alfaro, M.M. Valença-Montenegro & A.S. Carvalho, 2015. **Avaliação do risco de extinção de *Saimiri sciureus* (Linnaeus, 1758) no Brasil**. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio. <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7266-mamiferos-saimiri-sciureus-macaco-de-cheiro.html>.
- Tiepolo, L.M. & W.M. Tomas, 2011. Ordem Artiodactyla pp293-313. *In: Mamíferos do Brasil - Cap. 10* (Reis, N.R., A.L. Peracchi, W.A. Pedro & I.P. Lima, Eds.). 2ª. ed. Edição N. R. dos Reis, Londrina 439p.
- Tognelli, M.F. & D.A. Kelt, 2004. Analysis of determinants of mammalian species richness in South America using spatial autogressive models. **Ecography** 27: 427-436.
- Wilson, D.E. & D.A.M. Reeder, 2005. **Mammal species of the world: A taxonomic and geographic reference** (Woods, C.A. & W. Kilpatrick, Eds.). 3rd. ed., Johns Hopkins University Press 2142p.
- Woods, C.A. & W. Kilpatrick, 2005. Infraorder Hystricognathi Brandt, 1855 pp1538-1600. *In: Mammal species of the world: A taxonomic and geographic reference* (Woods, C.A. & W. Kilpatrick, Eds.). 3rd. ed., Johns Hopkins University Press 2142p.
- Wozencraft, W. C. 2005. Order Carnivora. 532-628pp. *In: Mammal species of the world: A taxonomic and geographic reference*. (Wilson, D. E & D.M. Reeder, Eds.). 3ª ed. Johns Hopkins University Press 2142 p.

VERTEBRADOS TERRESTRES DE RORAIMA
VI. MAMÍFEROS NÃO VOADORES
LOCALIDADES E LISTA DE ESPÉCIES

As regiões de coletas do estudo (TABELA 1, FIGURA 1) são categorizadas de acordo com a fisionomia da vegetação e altitude: áreas florestais ou de mata, áreas de lavrado e regiões das serras.

TABELA 1. Regiões das coletas e coordenadas aproximadas: mata, lavrado e serra.

Mata	Lavrado	Serra
1. Ilha de Maracá 03°20'N, 61°29'W	6. Surumu 04°12'N, 60°48'W	15. Pacaraima 04°29'N, 61°07'W
2. Cantá 02°03'N, 60°34'W	7. Normandia 03°47'N, 59°36'W	16. Surucucus 02°47'N, 63°40'W
3. Catrimani 01°49'N, 61°59'W	8. Conceição do Maú 03°34'N, 59°51'W	17. Tepequém 03°45'N, 61°42'W
4. Santa Maria do Boiaçu 03°31'N, 61°47'W	9. Salvamento 03°18'N, 61°29'W	18. Monte Roraima 05°12'N, 60°44'W
5. Apiaú 02°26', 61°25'W	10. Mangueira 03°09'N, 61°28'W	
	11. Alto Alegre 02°57'N, 61°16'W	
	12. Boa Vista 02°44', 60°40'W	
	13. Caracará 01°49'N, 61°07'W	
	14. São João da Baliza 00°56'N, 59°54'W	

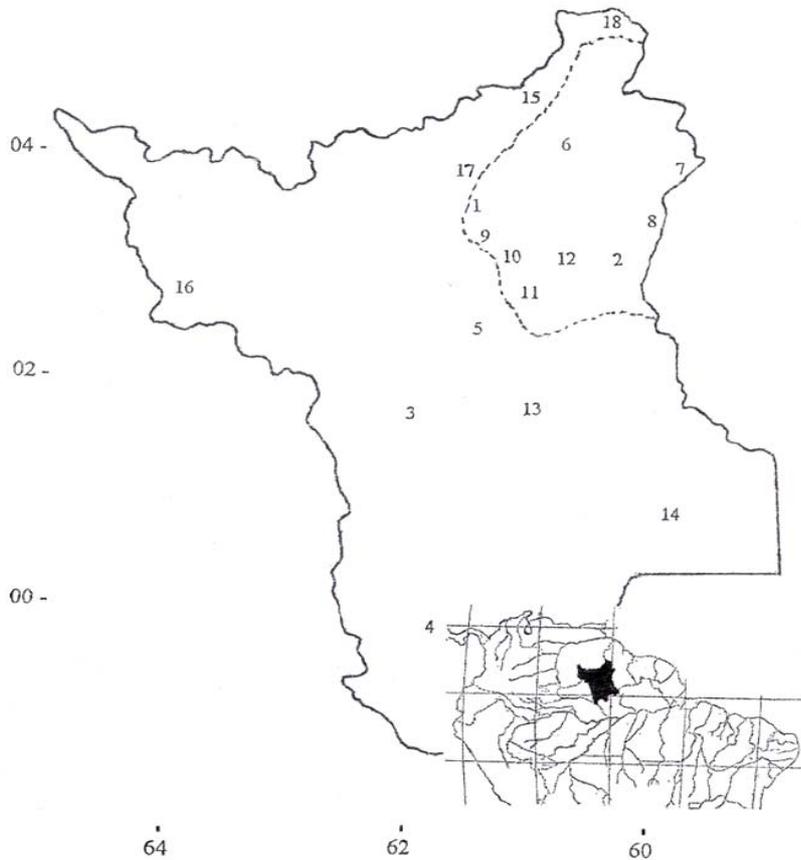


FIGURA 1. Mapa esquemático das áreas de coletas (ref. Tabela 1) - lavrado, área menor do pontilhado.

Lista dos mamíferos não voadores de Roraima

Pop: nome popular
A: ampla distribuição

Az: predominantemente amazônica
La: lavrado

Mt: mata
S: serra

	Pop	A	Az	Mt	La
ORDEM DIDELPHIMORPHIA					
Família Didelphidae					
<i>Caluromys philander</i> (Linnaeus, 1758)	mucura	x		x	x
<i>Didelphis marsupialis</i> Linnaeus, 1758	mucura	x		x	x
<i>Monodelphis brevicaudata</i> (Erxleben, 1777)	catita		x	x	x
<i>Marmosa murina</i> (Linnaeus, 1758)	cuíca		x	x	
ORDEM PILOSA					
Família Bradypodidae					
<i>Bradypus tridactylus</i> (Linnaeus, 1758)	preguiça		x	x	
Família Megalonychidae					
<i>Choloepus</i> sp cf. <i>didactylus</i>	preguiça-real		x	x	
Família Cyclopedidae					
<i>Cyclopes didactylus</i> (Linnaeus, 1758)	tamanduáí	x		x	x
Família Myrmecophagidae					
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758	tamanduá-bandeira	x			x
<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	mambira	x			x
ORDEM CINGULATA					
Família Dasipodidae					
<i>Dasybus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758	tatu-galinha	x		x	x
<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	tatu-peba		x	x	x
<i>Priodontes maximus</i> Kerr, 1792	tatu-canastra	x		x	
<i>Tolypeutes</i> (?)	tatu-bola			x	x
ORDEM PRIMATES					
Família Cebidae					
<i>Sapajus apella</i> (Linnaeus, 1758)	macaco-prego		x	x	
<i>Cebus castaneus</i> Schomburgk, 1848	caiarara		x	x	
<i>Saimiri sciureus</i> (Linnaeus, 1758)	macaco-de-cheiro		x	x	
<i>Saguinus midas</i> (Linnaeus, 1758)	sauim		x	x	
Família Aotidae					
<i>Aotus trivirgatus</i> (Humboldt, 1811)	macaco-da-noite		x	x	
Família Pitheciidae					
<i>Chiropotes</i> sp.	cuxiú		x	x	
<i>Pithecia pithecia</i> (Linnaeus, 1766)	parauacu		x	x	
<i>Callicebus lugens</i> (Humboldt, 1811)	zogue-zogue		x	x	

Mamíferos não voadores de Roraima (*continuação*)

	Pop	A	Az	Mt	La
Família Atelidae					
<i>Alouatta cf. macconnelli</i>	guariba		x	x	
<i>Ateles paniscus</i> Linnaeus, 1758	coatá		x	x	
<i>Ateles belzebuth</i> É. Geoffroy, 1806	coatá		x	x	
ORDEM CARNIVORA					
Família Canidae					
<i>Speothos venaticus</i> (Lund, 1842)	cachorro-do-mato	x			x
<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	raposa	x			x
Família Procyonidae					
<i>Procyon cancrivorus</i> (Cuvier, 1798)	guaxinim, mão-pelada	x		x	x
<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	quati	x	x*		x
<i>Potos flavus</i> (Schreber, 1774)	jupará	x		x	
Família Mustelidae					
<i>Galictis vittata</i> (Schreber, 1774)	furão	x		x	
<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758)	irara	x		x	
<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	lontra	x		x	
<i>Pteronura brasiliensis</i> (Gmelin, 1788)	ariranha	x		x	
Família Felidae					
<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	jaguaritica	x		x	x
<i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	maracajá	x		x	x
<i>Pantera onca</i> (Linnaeus, 1758)	onça-pintada	x		x	x
<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	suçuarana	x		x	
ORDEM CETACEA					
Família Delphinidae					
<i>Sotalia fluviatilis</i> (Gervais, 1853)	tucuxi		x	x	x
Família Iniidae					
<i>Inia geoffrensis</i> (Blainville, 1817)	boto		x	x	
ORDEM SIRENIA					
Família Trichechidae					
<i>Trichechus inunguis</i> (Natterer, 1883)	peixe-boi		x	x	
ORDEM ARTIODACTYLA					
Família Cervidae					
<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	veado-mateiro	x		x	x
<i>Mazama gouazoubira</i> (Fisher, 1814)	veado-catingueiro		x	x	
<i>Odocoileus virginianus</i> (Zimmermann, 1780)	veado-galheiro	x		x	

* áreas abertas e de mata de altitude – *Nasua nasua vittata* ocorre no Monte Roraima (Havelková *et al.*, 2006).

Mamíferos não voadores de Roraima (continuação)

	Pop	A	Az	Mt	La
Família Tayassuidae					
<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	caititu	x		x	
<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)	queixada	x		x	
ORDEM PERISSODACTYLA					
Família Tapiridae					
<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	anta	x		x	
ORDEM RODENTIA					
Família Caviidae					
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	capivara	x		x	x
Família Cuniculidae					
<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1758)	paca	x		x	
Família Dasyproctidae					
<i>Myoprocta acouchi</i> (Erxleben, 1777)	cotiara	x		x	
Família Erethizontidae					
<i>Coendou prehensilis</i> (Linnaeus, 1758)	porco- espinho	x		x	x
Família Sciuridae					
<i>Guerlinguetus cf. aestuans</i>	quatipuru		x	x	
Família Cricetidae					
<i>Oligoryzomys</i> sp	rato			x	x
<i>Podoxymys roraimae</i> Anthony, 1929	rato		x*		
<i>Sigmodon alstoni</i> (Thomas, 1881)	rato		x	x	x
<i>Rhipidomys nitela</i> Thomas, 1901	rato	x		x	x
<i>Zygodontomys brevicauda</i> (Allen & Chapman, 1893)	rato	x		x	x
Família Echimyidae					
<i>Proechimys arabupu</i> Bonvicino, Otazú & Vilela, 2005	rato		x*		
ORDEM LAGOMORPHA					
Família Leporidae					
<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	tapiti, coelho	x		x	

* áreas abertas e matas de altitude, Monte Roraima.